

A determinação da objetividade e as possibilidades da subjetividade: real da história e real do sujeito

Belmira Magalhães*

Resumo: Neste artigo procuramos mostrar o desenvolvimento do pós-doutoramento realizado na UFF, sob a supervisão da Doutora Bethania Mariani. O projeto desenvolveu uma articulação entre os conceitos de Ideologia e Inconsciente com a Teoria do Discurso. O objetivo fundamental da pesquisa teórica se voltou para o entendimento da possibilidade de um sujeito que, determinado pela ideologia e pelo inconsciente, consegue uma autonomia relativa suficiente para se fazer autor. Concluímos que a capacidade de conhecer própria do sujeito é, necessariamente, atravessada pela ideologia e pelo inconsciente, isto é, pelas possibilidades de interpretação que determinada sociabilidade permite aos sujeitos.

Palavras-Chave: ideologia; inconsciente; teoria do discurso.

Em julho de 2009, finalizamos nossa proposta de pós-doutoramento desenvolvido no Departamento de Ciências da Linguagem, setor de Linguística, da Universidade Federal Fluminense, sob a supervisão da Professora Dra. Bethania Sampaio Corrêa Mariani.

O estudo possibilitou o aprofundamento da compreensão do lugar do sujeito na teoria do Discurso, de linha francesa. As leituras e discussões realizadas enfatizaram as noções de Ideologia e de Inconsciente, procurando estabelecer conexões entre esse dois conceitos, que pertencem a escopos teórico-metodológicos distintos. O objetivo fundamental da pesquisa teórica se voltou para o entendimento da possibilidade de um sujeito que, determinado pela ideologia e pelo inconsciente, consegue uma autonomia relativa suficiente para se fazer autor. Desenvolvemos um aprofundamento da relação entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Teoria do Discurso fundada por Pêcheux.

Balizando a discussão estão os conceitos de Ideologia e Inconsciente, que têm em comum o fato de não se apresentarem como algo transparente para os sujeitos. Como diz Pêcheux:

* Professora do Curso de Doutorado em Letras da Universidade Federal de Alagoas (UFAL); Pós-doutoranda em Letras na UFF, sob a supervisão da Prof.^a Dr. Bethania Mariani; Doutora em Letras e Linguística pela UFAL. E-mail: brcmagalhaes@gmail.com

Permitam-me apenas ressaltar que o traço comum a essas duas estruturas, respectivamente chamadas de ideologia e inconsciente, é o fato de elas operarem ocultando sua própria existência, produzindo uma rede de verdades subjetivas evidentes, com o ‘subjetivas’ significando, aqui, não que afetam o sujeito, mas em que o sujeito se constitui (PÊCHEUX, 1996, p. 148).

A construção teórica para fazer com que esses dois conceitos possam ser efetivamente trabalhados em AD passa, necessariamente, pelo entendimento da constituição da subjetividade e, complementarmente, do sujeito do discurso, que, segundo Pêcheux, apresenta ainda uma “ausência de articulação bem elaborada entre a ideologia e o inconsciente: estamos ainda na fase de vislumbres teóricos dentro de uma obscuridade preponderante” (1996, p. 148).

Começamos afirmando, junto com Pêcheux, que o sujeito é sujeito de uma dada formação social, e que nas sociedades de classes se acha subsumido à luta de classes. Na verdade, nosso objetivo aqui é trazer a centralidade do trabalho novamente para o centro do debate em AD e, ao mesmo tempo, demonstrar a importância de entrelaçar ao determinante (relações de produção) outras variáveis explicativas.

Pêcheux, ao submeter a possibilidade de compreensão do discurso à história através dos processos sociais de cada sociabilidade, atrela, a nosso ver, todos os outros conceitos e principalmente o sujeito discursivo às determinações sociais que têm como fundante o trabalho, visto ser pelo instrumental conceitual do materialismo histórico-dialético que propõe a análise dos discursos.

[...] nesse ponto o vínculo entre tomada de posição e objetividade materialista, enquanto tomada de posição em relação “ao que é”: o ponto de vista do proletariado não é nem um ponto de vista confortável com outros na pesquisa desinteressada da verdade (a cada um, seu ponto de vista, e, acima de todos, a verdade inacessível) nem um ponto de vista universal, de direito, embora, de fato, sendo o ponto de vista de um classe. É enquanto ponto de vista de classe que ele é objetivo, e isso ao longo de toda história (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 209).

É nesse sentido que a explicação/interpretação de qualquer discurso está subsumida à compreensão das relações de produção e do momento histórico que tornou possível aquela práxis¹.

O entendimento conceitual de real da história em Pêcheux (1988 [1975]) enfatiza a independência desse real em relação ao pensamento. Cada

¹ Práxis, para o materialismo histórico-dialético, implica necessariamente a presença humana na ação.

vez que as análises discursivas abandonam/negam essa compreensão, afastam-se da teoria do discurso pecheuxtiana. Essas análises normalmente apenas enfatizam o discursivo, apoiando-se no conceito de Formação discursiva e “esquecendo” o conceito de Formação ideológica, fundamento daquela, já que, no escopo teórico da AD, toda formação discursiva está filiada a uma formação ideológica:

[...] as palavras, expressões, proposições etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aquelas que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às posições ideológicas, nas quais essas posições se inscrevem. Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição numa conjuntura dada, determinada pela luta de classes, determina o que pode ser e deve ser dito (PÊCHEUX, 1988 [1975], p. 160).

Seguindo a lógica de compreensão do método dialético adotado por Pêcheux, nada escapa ao histórico, e há possibilidade de explicação do real. Na Teoria do Discurso está explícito que, embora considere a AD uma disciplina de Interpretação, esta é submetida às posições dos sujeitos sociais, como a citação acima refere, construindo uma teoria objetiva da subjetividade. Sintetizando, podemos afirmar que toda subjetividade está submetida ao fazer histórico-social de cada sociabilidade.

Pêcheux, em **Semântica e discurso** (1988 [1975], p. 26), afirma que:

Trata-se [...] de compreender como aquilo que hoje é *tendencialmente* “a mesma língua”, no sentido lingüístico desse termo, autoriza funcionamentos, de “vocábulos – sintaxe” e de “raciocínios” antagonistas; em suma, trata-se de pôr em movimento a contradição que atravessa a tendência formalista-logicista sob as evidências que constituem a sua fachada. [grifos do autor]

Nesse sentido, uma das questões centrais do desenvolvimento dessa concepção recai na constituição e no lugar do sujeito. No trecho citado acima, Pêcheux faz um diálogo crítico com a Linguística e realça a participação necessária do materialismo histórico como possibilidade de entendimento da linguagem humana, reafirmando as posições de classe antagonônicas que levam os mesmos “vocábulos-sintaxe” para lugares opostos.

Como já afirmamos, a premissa básica da dialética materialista é a afirmação de que nada do humano escapa ao histórico. Há uma radicalidade do histórico. Por esse motivo, num momento histórico como o que vive a humanidade desde a modernidade, não se pode tratar de nenhum fenômeno, e aí se incluem o psíquico e o lingüístico, sem levar em conta as relações sociais de um mundo dividido em classes sociais antagonônicas. Dirá Pêcheux:

Diremos que a “indiferença” da língua em relação à luta de classes caracteriza a autonomia relativa do sistema lingüístico e que, dissimetricamente, o fato de as classes não serem “indiferentes” à língua se traduz pelo fato de que todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes (1988 [1975], p. 92).

E ainda:

Mas a verdadeira raiz desse erro se encontra em outro lugar, mais precisamente, no desconhecimento da luta de classes: o termo e o conceito de contradição, bem como o de luta de classes, estão ausentes, enquanto tais, da descrição dos processos ideológicos empíricos e especulativos. Encontram-se apenas oposição, diferenças que expressam a complexidade de dupla face da relação forças produtivas/relações de produção (Id.Ibid., p. 132).

Desse ponto de vista, a compreensão da noção de inconsciente desenvolvida por Freud e Lacan deverá estar subsumida à noção de historicidade, sendo nesse sentido que pode ser interpretada a afirmação de Pêcheux: “Em cada momento histórico dado, as formas ideológicas não se equivalem, e o efeito simulação-recalque que elas engendram não é homogêneo” (1988 [1975], p. 77).

Todos os recalques e simulações são engendrados pelas diferentes formas ideológicas, que necessariamente são históricas. Por isso Pêcheux vai enfatizar a vinculação das condições ideológicas, que permitem o processo do significante na interpelação e na identificação do sujeito.

O recalque inconsciente e o assujeitamento ideológico estão materialmente ligados, sem estar confundidos, no interior do que se poderia designar como processo do Significante na interpelação e na identificação, processo pelo qual se realiza o que chamamos condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção (Id.Ibid., p. 113-114).

Fica evidenciado que para Pêcheux as formas ideológicas não são as mesmas, que o recalque inconsciente está materialmente ligado às formas ideológicas e que as duas noções estão determinadas pelas relações de produção, isto é, pelo que Marx denominou de trabalho como fundante de toda a materialidade social.

Embora o real do inconsciente sempre escape, como escapa a totalidade do real histórico-social no momento em que o cientista está tentando conhecer um de seus aspectos, sua interpretação só é possível a partir do discurso – uma materialidade que pode ser examinada, que é práxis

(histórica e social), pois, com diz Lacan: *o inconsciente é estruturado como uma linguagem*, e só a partir desse fato é que pode ser capturado, embora já tenha escapado. Toda análise do real, histórico e inconsciente, só é possível *post festum*, e a verdade de seu entendimento também só pode ser avaliada *post festum*, pela mudança ou não das realidades individual e social. A nosso ver, é seguindo essa compreensão que Lacan afirma, ao se referir ao processo analítico da psicanálise, que “Não é com impropriedade que se diz que a amnésia primária atinge, no sujeito, sua história. Trata-se, com efeito, daquilo que ele viveu como historicizado” (2003, p. 114). Esse autor salienta ainda a importância das relações sociais para o entendimento da fala do paciente, que necessariamente tem de emergir para que a interpretação psicanalítica seja realizada, enfatizando a impossibilidade de compreensão dos conflitos analíticos sem a historicização daquele sujeito, isto é, sem o entendimento de que a constituição das identidades individuais passa pela gama de identidades postas pelo tempo e espaços sociais.

É como apreender os conflitos analíticos e seu protótipo edipiano fora dos compromissos que fixaram, muito antes do sujeito vir ao mundo, não apenas seu destino, mas sua própria identidade (LACAN, 2003, p. 144).

Essa questão que alia a identidade individual aos determinantes sociais, a nosso ver, faz parte do alerta de Pêcheux sobre a impossibilidade de identificações completamente submetidas aos ditames sociais sem que se levem em conta os processos individuais de desidentificação ou a possibilidade de identificações múltiplas.

Não há identificação plenamente bem-sucedida, isto é, ligação sócio-histórica que não seja afetada, de uma maneira ou de outra, por uma “infelicidade” no sentido performativo do termo, isto é, no caso, por um erro de pessoa, isto é, sobre o *outro*, objeto da identificação (PÊCHEUX, 1990 [1983a], p. 57).
[grifos do autor]

Nesse sentido é que afirmamos que o sujeito toma posição, escolhe, tem consciência de seus atos e é responsável por eles, tudo isso a partir da relação entre a resposta individual recalcada em sua estrutura psíquica e sua inserção na realidade social.

Para concluir esse momento diríamos que a subjetividade pretende aprisionar o mundo através da língua, tornando-o apenas possível a partir de seu discurso. No entanto, o discurso não é uma construção independente das relações sociais, mas, ao contrário, o fazer discursivo é uma práxis que só pode ser compreendida a partir do entendimento das contradições sociais que possibilitaram sua objetivação. Pêcheux enfatiza esse fato em todos os seus

textos ao submeter a formação discursiva às formações ideológicas que, por sua vez, expressam as contradições de classes antagônicas da sociedade.

Dizendo de outra forma, enfatizar que o sujeito não é fonte de seu discurso é um passo importantíssimo, mas não suficiente, pois pode significar a anulação da práxis, isto é, inibir a capacidade de transformação de produção do novo, que só o sujeito possui. Essa capacidade de conhecer própria do sujeito é, necessariamente, atravessada pela ideologia e pelo inconsciente, isto é, pelas possibilidades de interpretação que a sociabilidade dividida em classes oferece aos sujeitos².

Estamos dando continuidade ao projeto de pesquisa atual a essa temática, esperando que o aprofundamento do entrelaçamento das noções de ideologia e inconsciente venha permitir maior desenvoltura das análises discursivas em relação à problemática que se estabelece entre assujeitamento e possibilidades da autoria, contribuindo para esclarecimentos da noção de Sujeito na Teoria do Discurso, noção que tem significado basilar para os Estudos do Discurso, representando o marco da nova epistemologia que essa área traz para a Linguística.

² Estamos neste artigo sempre nos referindo às sociedades de classe. Essas afirmações em sociedades sem classe precisam ser desenvolvidas de forma diferente.